

BOLSAS		BOVESPA		C-BOND		DÓLAR		EURO		OURO		CDB		INFLAÇÃO	
Na sexta (em %)		Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)		Título da dívida externa brasileira, na sexta		sexta-feira (em R\$)		Turismo, venda (em R\$)		Na BM&F, o grama (em R\$)		Prelado, 31 dias (em % ao ano)		IPCA do IBGE (em %)	
+0,41	São Paulo	-1,57	Nova York	US\$ 1,0237	(▲ 0,31%)	2,380	(▼ 0,79%)	2,963	(▲ 0,003%)	R\$ 34,00	(▲ 0,14%)	19,53		Janeiro/2005	0,58
														Fevereiro/2005	0,59
														Março/2005	0,61
														Abril/2005	0,87
														Maior/2005	0,49

DESENVOLVIMENTO

Empresários começam a queimar planos de expansão do parque produtivo por causa de uma combinação perversa: crise política, juros altos e dólar em baixa

Investimentos na caldeira

SIDERÚRGICA GERDAU: ALGUNS PROJETOS DA EMPRESA SERÃO TRAVADOS OU RETARDADOS POR CAUSA DO MOMENTO POLÍTICO COMPLICADO

VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

O Ministério da Fazenda levou um susto na semana passada. Apesar de todos os esforços que o ministro Antonio Palocci vem fazendo para não deixar a economia ser contaminada pela mais grave crise política do governo Lula, os primeiros sinais de que a contaminação aconteceu começaram a aparecer. E justamente onde a equipe econômica mais temia: na intenção de investimentos do setor produtivo. O alerta partiu do vice-presidente executivo de Finanças do Grupo Gerdau, Osvaldo Schirmer. Em uma teleconferência com analistas do mercado financeiro, ele foi taxativo: “Temos projetos (de expansão do parque produtivo) que poderão ser travados ou retardados. Temos um momento político complicado. Os investidores não investem quando o quadro é de incerteza para o curto e médio prazos”.

Entre a equipe de Palocci, o temor é de que o movimento do Grupo Gerdau, principal fabricante de aços longos do continente americano, seja o início de um efeito dominó. Uma retração mais forte dos investimentos enterraria todas as possibilidades de o país voltar a crescer em um ritmo mais acentuado nos próximos anos. Na avaliação da equipe econômica, os mais recentes indicadores sobre investimentos produtivos já não são favoráveis. Segundo cálculos do Instituto Brasileiro de Geo-

grafia e Estatística (IBGE), tanto no último trimestre de 2004 (-3,9%) quanto nos primeiros três meses deste ano (-3%), os investimentos do setor produtivo caíram. Mas havia a expectativa de recuperação a partir de agora, diante da forte queda da inflação, que abre espaço para cortes na taxa básica de juros.

“O momento é de cautela. Todo mundo botou o pé no freio para observar aonde a crise vai parar”, diz o presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal, Antonio Rocha. “Planos de investimentos que estavam para ser fechados e parcerias que vinham sendo negociadas vão caminhar a um ritmo mais lento. Por isso, a importância de o governo restringir ao máximo os

COM O CLIMA DE INCERTEZAS, O QUADRO PODE SE AGRAVAR. INVESTIMENTO É RISCO E O EMPRESÁRIO GOSTA DE SEGURANÇA

José Augusto Fernandes,
diretor-executivo da
Confederação Nacional da
Indústria (CNI)

chances de as conversas resultarem em negócios concretos ficaram mais distantes.

Projetos cancelados

Dos investimentos programados pelo Grupo Gerdau, somente dois projetos são considerados irreversíveis e não sofrerão

Fabio Rossi/AG/9.12.04



CAMPELO, DA FGV: SE AS EMPRESAS FICAM COM A SENSÇÃO DE QUE O CONSUMO VAI DIMINUIR, ADIAM INVESTIMENTOS

nenhum tipo de corte. Um préve aporte de US\$ 900 milhões na Açominas até 2007. O investimento resultará na ampliação da capacidade instalada atual de produção da empresa, de 3 milhões de toneladas de aço por ano, para 4,5 milhões de toneladas. O segundo projeto é a construção de uma usina em Araçaguama, São Paulo, com capacidade para produzir 900 mil toneladas de aço bruto por ano. Na primeira etapa, que se encerra em agosto, quando a usina começa a operar, serão consumidos R\$ 500 milhões, investimento que chegará, na segunda etapa, a R\$ 750 milhões.

“É preocupante que um gigante, como o Grupo Gerdau, indique que já está reagindo negativamente à crise política. Se reações como essa começam a pipocar nos próximos dias, teremos tempos sombrios pela frente”, afirma um integrante da equipe econômica. A mesma avaliação é feita pelo diretor-executivo da Confederação Nacional da Indústria (CNI), José Augusto Fernandes.

“Nossas pesquisas já captura-

vam postergações de investimentos por causa do dólar em baixa e dos juros altos. Com o clima de incertezas, o quadro pode se agravar. Investimento é risco e o empresário gosta de segurança”, assinala. Ele ressalta, ainda, que entre os industriais, do café-da-manhã ao jantar, o assunto dominante das conversas é a crise política. Portanto, pouco tempo está sobrando para se falar em expansão dos negócios.

Menos financiamentos

A retração do empresário ante às turbulências políticas já pode ser medida em números. No Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), principal financiador de investimentos produtivos de médio e longo prazos, o desembolso em empréstimos está em baixa: caiu 1,1% em maio, quando a crise ainda estava restrita à CPI dos Correios. Nesse mesmo mês, os financiamentos do sistema financeiro como um todo a pessoas jurídicas encolheu 1% e, nos dez primeiros dias úteis de junho — já influenciados pela denúncias de compra de apoio político

pelo PT, por meio do chamado mensalão — o volume de empréstimos ficou parado.

“Esses números estão dentro da normalidade”, garante o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes. Segundo ele, o recuo do empresariado é resultado de uma estratégia de curto prazo. O importante, segundo ele, no caso do BNDES, é olhar para os pedidos de consultas para empréstimos. E, nesse caso, a demanda é crescente. “Estamos confiantes, pois a economia está caminhando bem. Tanto que o desemprego, depois de uma alta sazonal até abril, voltou a cair em maio”, frisa.

José Velloso Dias Cardoso, diretor do Departamento de Economia do Centro das Indústrias de São Paulo (Ciesp) e vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), não compartilha da tranquilidade do economista do BC. “Passamos por um momento muito ruim. Ainda que os efeitos da crise política não sejam tão perceptíveis, o clima entre o empresariado é de apreensão”, diz.

Ele ressalta que, no setor de

máquinas, mais sensível a juros e câmbio, o desânimo é grande, um reflexo claro do sentimento captado tanto entre industriais quanto entre produtores agrícolas. “É verdade que, ao contrário de outras crises, temos hoje um setor produtivo muito mais amadurecido. Mas para que possamos ficar mais tranquilos, precisamos que a crise política fique restrita a Brasília”, acrescenta Cardoso.

Consumo cairá

Coordenador do Núcleo de Pesquisas e Análises Econômicas do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o economista Aloísio Campelo Jr. afirma que já botou um grupo de profissionais nas ruas para medir o real impacto da crise política junto aos consumidores e ao empresariado. No caso dos consumidores, as sondagens divulgadas no início de junho já mostravam um desânimo grande com o turbilhão político, sentimento que deve ter se agravado ante o aprofundamento da crise. O problema, alerta o economista, é o mau humor dos consumidores contaminar o empresariado.

“Se as empresas ficam com a sensação de que o consumo futuro vai diminuir, certamente vão adiar investimentos. E aí, o quadro de complica”, diz. O resultado da equação será o que todo mundo já viu no passado: baixo crescimento econômico, desemprego em alta e renda em baixa. “Tomara a crise política seja debelada o mais rapidamente possível, para o bem do país”.

No entender de Campelo Jr, os próximos dias serão vitais para que o governo reverta o pessimismo que já domina a população. Diante da avalanche de denúncias que tem inundado o país, será difícil manter intacto o dique que separa a política da economia. As dúvidas já são maiores do que as certezas. E elas tendem a se expressar cada vez mais rápido por meio do mercado financeiro, que já dá mostras de não estar mais tão alheio à crise. Daí, para a economia real, é pulo. O Grupo Gerdau que o diga.